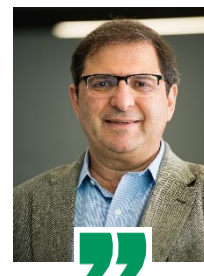




CARTA MENSAL

#junho/2023



Gilberto Kfour Jr.
CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

“Ao longo do mês de junho, as taxas de juros dos países desenvolvidos seguiram o movimento de alta, com destaque para a elevação de 20 bps na precificação da taxa terminal de juros dos Estados Unidos. Nos EUA, a resiliência do mercado de trabalho pressiona o Fed a sustentar o discurso mais duro (“hawkish”). Os pedidos de auxílio desemprego atingiram novas mínimas históricas, rodando em um patamar aquém do necessário para levar a um aumento do desemprego. Mês após mês, os dados de criação de emprego continuam superando as expectativas dos economistas, indicando um mercado de trabalho a cada dia mais apertado.

No cenário doméstico, o mês de junho foi extremamente positivo para os ativos brasileiros. O dólar iniciou o mês em 5,01 e fechou a 4,79, a curva de juros deu continuidade à tendência de queda e a bolsa seguiu o movimento de forte recuperação.”

ECONOMIA INTERNACIONAL

Ao longo do mês de junho, as taxas de juros dos países desenvolvidos seguiram o movimento de alta, com destaque para a elevação de 20 bps na precificação da taxa terminal de juros dos Estados Unidos. Tais movimentos foram reflexo do endurecimento na postura dos Bancos Centrais dos países desenvolvidos diante da persistência inflacionária, culminando em elevações de juros “surpresa” – não adiantadas pelo mercado – dos Bancos Centrais do Canadá, Austrália e Inglaterra e sinalizações de alongamento de ciclo por parte do Federal Reserve (Fed) e do Banco Central Europeu. A despeito desse movimento nos juros dos EUA, o dólar (índice DXY) apresentou um enfraquecimento, especialmente frente ao Euro, e a bolsa americana teve performance positiva.

Nos EUA, a resiliência do mercado de trabalho pressiona o Fed a sustentar o discurso mais duro (“hawkish”). Os pedidos de auxílio desemprego atingiram novas mínimas históricas, rodando em um patamar aquém do necessário para levar a um aumento do desemprego. Além disso o número de vagas abertas por desempregado continua acima de 1,6, incompatível com uma desaceleração de salários que deveria se verificar para garantir a convergência da inflação para a meta de 2%. Mês após mês, os dados de criação de emprego continuam superando as expectativas dos economistas, indicando um mercado de trabalho a cada dia mais apertado.

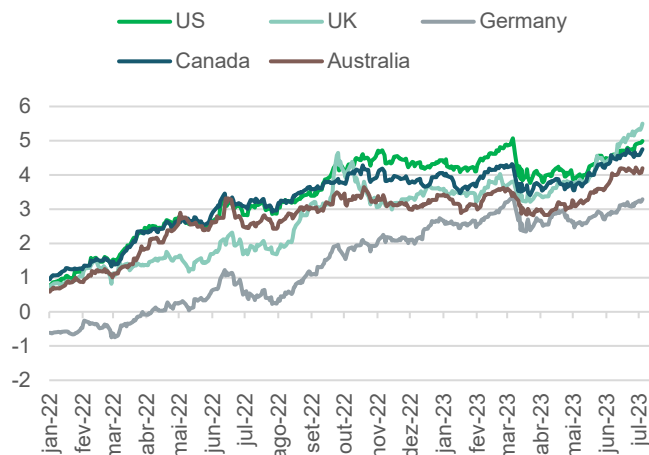
Adicionalmente, a inflação americana, principalmente o núcleo de serviços que exclui aluguéis (uma das medidas preferidas pelo Fed para mensurar a inflação e demanda) tem arrefecido lentamente. Diante desse pano de fundo, a maioria dos membros do Fed projetam uma continuidade do aperto do ciclo monetário, com mais uma a duas altas de juros esse ano, embora tenham votado pela manutenção da taxa em 5-5.25% na última reunião do Federal Open Market Committee (FOMC).



“A inflação americana, principalmente o núcleo de serviços que exclui aluguéis tem arrefecido lentamente.”

Gráfico 01

Taxa de Juros de 2 anos



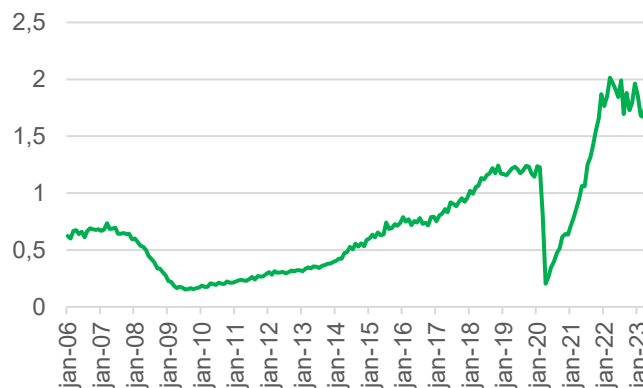
Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 30 de junho de 2023.

Segundo eles, seria apropriado desacelerar o ritmo de aperto, para acessar os efeitos da ação da política monetária adotada até então. Deixaram claro, no entanto, a necessidade de um maior avanço do ciclo para garantir a convergência da inflação e manutenção da ancoragem das expectativas. Assim, o Fed caminha para realizar ao menos mais uma alta de juros em julho.

Apesar do movimento de alta de juros nos mercados desenvolvidos, o sentimento dos investidores estrangeiros com mercados emergentes permanece positivo. Esse bom humor tem se sustentado a despeito da decepção com os dados de atividade da China. Em maio, as vendas do varejo, produção industrial, investimentos e empréstimos vieram abaixo das expectativas do mercado, além de uma elevação da taxa de desemprego na população mais jovem. Em resposta, a China cortou em 10 bps as taxas de juros, tanto mais curtas de 1 ano, quanto de 5 anos e há uma expectativa de adoção de medidas de estímulo por parte do governo para garantir um crescimento maior ou igual à meta de “ao redor” de 5%.

Gráfico 02

Razão vagas/desempregados



Fonte: Bureau of Labor Statistics. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 30 de junho de 2023.

ECONOMIA BRASILEIRA

No cenário doméstico, o mês de junho foi extremamente positivo para os ativos brasileiros. O dólar iniciou o mês em 5,01 e fechou a 4,79, a curva de juros deu continuidade à tendência de queda e a bolsa seguiu o movimento de forte recuperação. Com a aprovação do texto do arcabouço fiscal no final de maio na Câmara, o foco do mercado em junho se voltou para a política monetária. Ao longo do mês, o consenso de que o corte de juros viria em agosto – em linha com a nossa expectativa já há alguns meses – foi se consolidando no mercado, sendo praticamente cancelado pelo Banco Central (BC) de acordo com a comunicação da ata do último Comitê de Política Monetária (Copom).

A melhora na dinâmica de curto prazo da inflação foi determinante para possibilitar esse início do ciclo de corte de juros. Os principais fatores para essa melhora foram a apreciação de 9,4% do real durante o 1º semestre de 2023, ajudando especialmente a desinflação de bens comercializáveis, e a super safra agrícola, responsável pela redução da inflação de alimentos.





“Acreditamos que o BC iniciará com um corte de 25bps em agosto e irá acelerar para cortes de 50 bps dali para frente, encerrando o ano com uma Selic de 12% e o ano que vem em 9%.”

Além disso, as últimas leituras de inflação apresentaram melhora qualitativa, nas quais verificamos uma queda na média dos núcleos e na difusão (percentual de itens que apresentaram alta no mês). Um reflexo de tal otimismo com a melhora da inflação de curto-prazo foi a queda expressiva das projeções para inflação de 2023 no Boletim Focus, cuja mediana saiu de 5,70% ao final de maio para 4,98% ao final de junho.

Outro fator fundamental para a melhora na dinâmica inflacionária foi o fim da incerteza quanto à mudança da meta de inflação. No começo do ano, membros do governo fizeram declarações favoráveis à elevação da meta de inflação com o objetivo de possibilitar uma redução mais célere da taxa de juros. Após essas declarações, os economistas decidiram incorporar a possibilidade da elevação da meta nas suas projeções, assim desancorando as expectativas de inflação de longo prazo contra a meta de 3%. Na reunião do Conselho Monetário Nacional de junho, que tradicionalmente determina a meta de inflação para os próximos anos, a meta de inflação para 2026 foi confirmada em 3%, assim enterrando a discussão sobre a alteração de meta. Essa decisão teve um impacto imediato nas expectativas de inflação 2026, cuja mediana caiu de 4% no final de maio para 3,5% em junho.

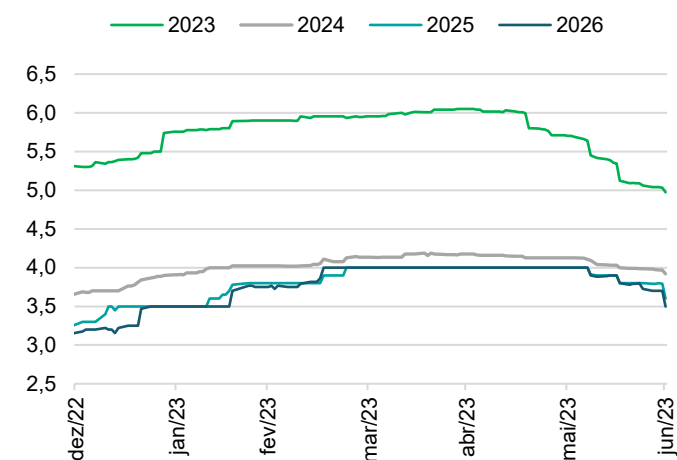
O BC havia deixado claro que a queda nas expectativas de inflação de médio-prazo era um fator necessário para possibilitar o corte de juros. Anteriormente, com as expectativas contaminadas pelo risco de elevação da meta, a comunicação da autoridade monetária era dura (“hawk”), incluindo a possibilidade de retomar o ciclo de alta de juros em caso de piora no cenário de inflação. A melhora significativa das expectativas com a redução do risco de alteração da meta, permitiu a suavização do discurso na última ata do Copom, na qual foi revelado que a maioria dos membros do comitê apoiam o início do ciclo de corte de juros em agosto.

Passada a definição sobre o início de corte de juros, as discussões se concentram sobre o ritmo de corte adotado ao longo do ciclo e qual será a taxa terminal. Nesse sentido, acreditamos que o BC iniciará com um corte de 25bps em agosto e irá acelerar para cortes de 50 bps dali para frente, encerrando o ano com uma Selic de 12% e o ano que vem em 9%. Atualmente não vemos espaço para cortes muito agressivos, já que as expectativas ainda estão desancoradas em relação à meta de 3% e a inflação de serviços segue resiliente. No entanto, visualizamos um viés para baixo nas

nossas projeções de Selic tanto para esse ano quanto para o próximo, visto que o Banco Central trabalha com uma taxa de juros real neutra de 4,5% e com a meta de inflação de 3%. Dois gatilhos que poderiam levar o BC a se aproximar desse patamar neutro seriam uma reancoragem total das expectativas de inflação ou uma queda significativa na atividade.

Gráfico 03

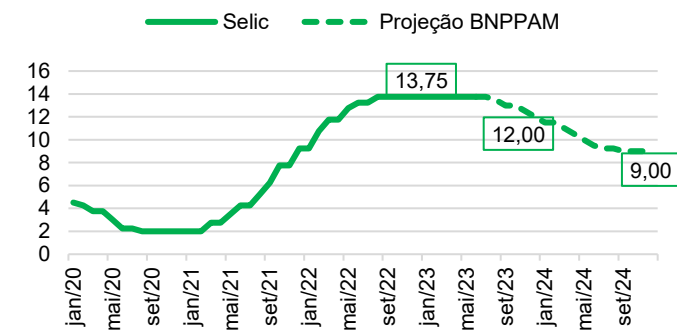
Focus: Mediana das Expectativas de Inflação por Ano



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração BNPP AM Brasil. Data base: 30 de junho de 2023.

Gráfico 04

Taxa SELIC



Fonte e Elaboração: BCB e BNPP AM. Data base: 30 de junho de 2023.



Andressa Castro
Economista-chefe



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

The sustainable investor for a changing world

RENDA FIXA E MULTIMERCADO

COMPORTAMENTO DO MERCADO

Mercado seguiu firme no movimento de queda da curva de juros, gerando ganhos relevantes na maior parte dos índices de renda fixa. O IM-B5+ subiu 3,37%, IRF-M +2,12%, enquanto o IMA-B5 fechou em 1,05%. O BNP RF fechou em +1,24%, superando CDI de 1,07%.

NOSSA VISÃO

A exacerbada volatilidade nos juros americanos vista no período recente tem explicação: há uma batalha entre duas visões antagônicas sobre a economia naquele país. De um lado, há os que, como o Fed, não veem uma recessão iminente e, portanto, vislumbram inflação resistente e que demandará mais juros controlado. Foi o recado dado na última reunião, em que meio paradoxalmente, mantiveram a taxa. O mercado comemorou a pausa juros porque acredita que a inflação já está caindo, ou seja, mesmo sem uma recessão severa, o problema será resolvido. O pendulo entre essas visões, e uma comunicação não tão clara do Fed, está por trás dos fortes movimentos na renda fixa americana desde março passado. Por ora, um cenário provável e que parece equilibrar as visões seria acomodação da inflação em patamar mais elevado, entre 4-5%, e estender o horizonte de convergência para frente. Obviamente o risco é o Fed buscar de fato a meta de 2%, o que implicaria em altas adicionais de juros, bem acima do precificado.

Dissemos no relatório passado que a Selic cairia por causa da inflação. De fato, a dinâmica dos juros no mês que passou demonstrou a relação mecânica entre queda da Selic e melhora inflacionária. E foram várias frentes: surpresa no IPCA, reforço do arcabouço monetário, expectativas em queda. Começando pela inflação corrente, o IPCA tem surpreendido com divulgações mais baixas que o consenso, repetindo o fenômeno que se observa há

algum tempo nos preços no atacado. Olhando a frente, teremos uma janela bem positiva no curto prazo, com provável deflação nos meses de junho e julho. O Conselho Monetário Nacional (CMN) decidiu pela manutenção da meta de inflação em 3% para 2025, com alteração no prazo de apuração. Esse tema causou muito ruído no início do ano e fez as expectativas desancorarem, por isso a decisão foi celebrada pelo mercado, que imediatamente revisou as projeções no Focus para baixo.

O conjunto das informações benignas para inflação fez com que o Banco Central do Brasil, mesmo mantendo a Selic, antecipasse a perspectiva de queda para próxima reunião em agosto. Em termos práticos: iniciou o rito de queda. Apesar do adjetivo “parcimonioso” – que sugere 25bps – usado para qualificar o processo de inflexão que se aproxima, acreditamos que a decisão está aberta, dependente dos dados. Assim como a velocidade que se dará o ciclo e até onde cairemos.

De olho no bom momento, voltamos a aumentar posição aplicada no DI Jan2026. É fato que a precificação está avançada, mas não parece exagerada, uma vez que há espaço para taxa terminal mais baixa ou ritmo acelerado de queda.

MOEDAS

Os ativos de risco tiveram performance, apesar das taxas de juros americanas subirem para as máximas. A combinação de dados fortes da economia americana, leituras menos pressionadas de inflação e percepção de que os aumentos de juros por parte do Fed estão próximos ao fim, vem criando ambiente de *goldilocks* no mercado (crescimento com ausência de inflação). Neste contexto, moedas que oferecem juros real alto, como o real, tem se destacado. O alto *carry* da moeda, somado a redução da volatilidade e proximidade do início do ciclo de afrouxamento local tem atraído o investidor estrangeiro. Mantivemos posição vendida em dólar.



Michael Kusunoki
Head Renda Fixa & Multimercados

CRÉDITO PRIVADO

Os ativos de crédito privado continuaram a recuperação de preço em junho, consolidando o movimento iniciado em maio. Como observado na carta passada, há uma seletividade no movimento com os ativos financeira e/ou operacionalmente menos alavancados tendo melhor desempenho.

O mercado secundário continua com boa liquidez, servindo à sua proposta de refletir as condições de liquidez e crédito de forma mais precisa e rápida.

O mercado primário continuou a ganhar melhor dinâmica, com maior volume e alguns livros maiores. O perfil das emissões tem se mantido, com prazos mais curtos, no horizonte de 2 a 3 anos. O alongamento de prazo parece ser o próximo passo que os emissores gostariam de dar, a depender da demanda que permanece relativamente disciplinada. Em termos de taxas, observamos que os ativos que pertencem ao nosso horizonte de investimento estão sendo negociado mais perto da banda inferior mencionada na carta passada (180 a 250 bps).

Com relação às nossas carteiras que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, no mês de junho, continuamos as alocações em ativos com prazo entre 24 a 36

meses, ainda de forma muito seletiva e de modo que o prazo médio das carteiras fique dentro das faixas que estabelecemos, com prazos relativamente controlados, mas com otimização do yield da carteira. Manter a estratégia taticamente em modo conservador segue justificada pelos riscos percebidos: a incerteza sobre o novo arcabouço da política fiscal brasileira, o desenho final do sistema tributário brasileiro, o efeito retardado do aperto monetário nos mercados desenvolvidos e a persistência da inflação global e local.

Na nossa estratégia de infraestrutura, mantivemos a alocação em risco IPCA ao redor de 90% e duration superior ao IMA-B5 com menor alocação em títulos até 2025. O comportamento dos ativos indexados ao IPCA tem produzido retornos superiores ao CDI nos últimos meses. Acreditamos que o comportamento da curva de juros real continuará favorável, principalmente com o início do ciclo de afrouxamento monetário no Brasil, provavelmente em agosto. Pontuamos mais uma vez que o nível atual dos *spreads*, mesmo que menores que os observados no início do ano, associado ao nível ainda elevado da curva de juros real, torna os ativos de infraestrutura extremamente atraentes.



Fábio Oliveira
Head de Crédito Privado



RENDA VARIÁVEL

Os mercados globais tiveram um mês de junho positivo, impulsionados pela expectativa de um fim no ciclo de aperto monetário pelo FED, devido à melhora dos indicadores de inflação em todo o mundo. Como resultado, o Índice S&P encerrou o mês com uma alta de 6,47%, enquanto o Euro Stoxx subiu 4,29% e o MSCI World registrou um aumento de 5,93%. Os mercados emergentes também acompanharam essa tendência de alta, com o MSCI Emerging Markets subindo 3,23% no mês. Na classe de commodities, observamos uma recuperação nos preços em junho, com o minério de ferro registrando um aumento de 11,20% e o petróleo subindo 3,75%.

No mercado local, os ativos de risco mantiveram seu movimento ascendente, iniciado após a queda do Ibovespa abaixo dos 98 mil pontos em meados de março. Durante esse período, o principal índice acionário brasileiro apresentou uma performance positiva de 20,58%, fechando o mês de junho próximo aos 118 mil pontos, o que representa um ganho de 9% no mês. No acumulado do primeiro semestre do ano, o Ibovespa registrou um aumento de 7,61%. Acompanhando esse movimento, o Índice Small Caps fechou o mês com uma alta de 8,17% e acumulou uma valorização de 13,26% no semestre. Essa tendência de alta foi impulsionada pela expectativa de cortes na taxa básica de juros ainda este ano, motivada principalmente pela queda da inflação observada no primeiro semestre e pela melhora nas expectativas fiscais.

Ainda no cenário local, o envio da proposta de lei para o novo arcabouço fiscal ao Congresso trouxe otimismo aos ativos financeiros, principalmente devido à diminuição no risco de cauda percebido pelos investidores. Esse movimento resultou em uma redução das taxas de juros reais e em um maior otimismo com ativos de maior risco (e.g. ações).

Conforme mencionado em nossas cartas anteriores, o menor risco fiscal e a redução nas expectativas de inflação favorecem o cenário de início de cortes na taxa básica de juros pelo Banco Central nas próximas reuniões. Internamente, nossa maior discussão tem sido sobre qual será o nível de juros ao final do ciclo de cortes. Os preços observados na curva de juros têm apontado para taxas finais cada vez menores, o que torna ativos de renda variável ainda mais atrativos, uma vez que juros em queda diminuem tanto o custo financeiro das dívidas quanto o custo de capital.

Portanto, estamos otimistas em relação a um movimento cíclico positivo para os mercados. A bolsa continua com uma tendência positiva, enquanto os juros também ajudam.

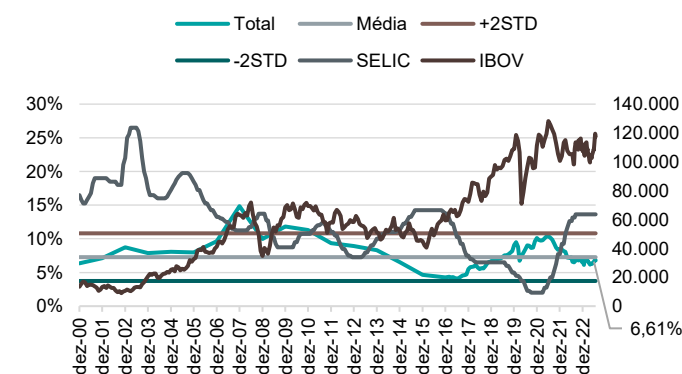
Uma segunda discussão gira em torno dos níveis de oferta e demanda dos ativos, que impactam de forma relevante sua precificação e que podem, em parte, estar correlacionado com o

movimento dos juros. Além de contribuir para o lucro das empresas, níveis mais baixos de juros representam um menor custo de oportunidade para o investidor. Em outras palavras, quanto maior o nível da taxa básica de juros (SELIC), menor é o apetite do investidor para investir em ações. De forma recíproca, vemos quedas na taxa SELIC incentivando investidores a voltarem a investir em ações.

Nos últimos anos, observamos uma fuga dos investidores individuais (i.e. pessoa física) dos investimentos em ações. Tanto os dados da B3, que mostraram uma queda de quase 50% na participação do investidor pessoa física no fluxo diário da bolsa, quanto a razão entre o valor dos investimentos em fundos de ações e o valor total investido na indústria de fundos, se aproximaram das mínimas históricas.

Gráfico 1

Percentual de indústria FIA sobre indústria total, Ibovespa e SELIC.



Fonte: ANBIMA. Elaboração BNPP AM Brasil. Data base: junho de 2023.

Além disso, os investidores estrangeiros parecem estar voltando a investir no Brasil após alguns meses de afastamento. O fluxo estrangeiro voltou a ficar positivo ao longo do mês de junho, o que também contribui positivamente para a demanda por ações no Ibovespa.

Por outro lado, as ofertas de capital estão voltando a acontecer. Durante o mês de junho, vimos o retorno das captações por meio do mercado acionário, com quase R\$10 bilhões de reais em anúncios de ofertas de capital, tanto primárias quanto secundárias, em diversos setores, como saúde, locação de veículos, supermercados e infraestrutura.

Portanto, acreditamos que ainda há espaço para uma maior valorização da bolsa brasileira, uma vez que ainda há uma demanda reprimida por ações, tanto de investidores locais quanto estrangeiros. Acreditamos também que os preços dos ativos

continuam atrativos, dado que os juros reais ainda estão elevados. Portanto, não percebemos irracionalidade ou bolhas no mercado acionário brasileiro, mesmo após a recente valorização.

Dessa forma, devido a essa melhora na percepção de risco e a um momento cíclico mais favorável para ativos de longo prazo, continuamos com nosso portfólio de ativos com características de maior *duration*.



Marcos Kawakami
Head Renda Variável

FUNDO DE FUNDOS

Em junho, os mercados permaneceram com uma tônica mais positiva, refletindo a continuidade de um momento mais calmo nos mercados emergentes e desenvolvidos. Apesar das curvas de juros das economias centrais continuarem o movimento de abertura, os ativos de risco como Bolsas e Moedas se apreciaram, Nasdaq (6,6%), EuroStoxx (4,3%) e S&P (6,5%). No cenário doméstico, a curva de juros seguiu o movimento de fechamento com a aproximação do ciclo de corte e as bolsas também fecharam o mês de forma positiva, Ibovespa (9,0%) e Small Caps (8,17%)

Nos EUA, os dados de atividade continuaram surpreendendo, principalmente vindos do mercado de trabalho. A economia segue mostrando uma resiliência mesmo com o forte aperto monetário feito pelo Banco Central Americano desde início do ano passado. A inflação segue a mesma tendência mesmo já tendo passado do pico e a desaceleração da atividade, que o mercado tanto aguarda, vem se dando de forma lenta. Em função disso, a discussão sobre o Fed precisar elevar os juros mais uma vez nesse ano tem ganhado força, além de precisar manter os Fed Funds mais altos por um período. Na Europa, o ritmo de atividade tem ganhado menos tração, mas o Banco Central Europeu também deve seguir com mais duas altas, já contratada pelo mercado, principalmente por conta dos indicadores de serviços. Na china, o quadro segue estável com viés negativo dada algumas notícias quanto à dificuldade das empresas estatais de crédito honrarem suas dívidas.

No cenário local, temos uma dinâmica diferente. Como os Mercados Emergentes foram os primeiros países a subirem os juros, também serão os primeiros a iniciar o ciclo de corte, principalmente na América Latina. O mês trouxe três derivadas da inflação, i) A desaceleração global do consumo de bens que reduz o preço das commodities, fretes e bens industriais; ii) A segunda tem como base a parte agrícola que, com a normalização do primeiro item somado a uma safra recorde, também causa um efeito desinflacionário. E por último, iii) a decisão do CMN em manter os parâmetros do sistema inalterados. Ao juntarmos esses três pontos, temos uma inflação corrente e, como já era esperado, menor, trazendo o modelo utilizado pelo Banco Central para as expectativas, resultando no início do ciclo de corte de juros previsto para agosto.

No mês passado, falamos sobre o movimento importante que realizamos em nossas carteiras de *benchmarks* composto, por enxergar, no curto prazo, uma melhora de expectativas. Além dos fundamentos que baseiam o nosso otimismo no momento, o mercado tem se posicionado mais ativamente, principalmente após dados melhores, as expectativas se reancorando e o Focus

revisando. Nesse mês, as alocações em Renda Fixa foram a cor azul do mês, onde o IRF-M subiu 2,12%, IMA-B (2,39%) e IMA-B5+ (3,37%). Um ponto que nos questionamos dia após dia é sobre quanto tempo esse otimismo paira sobre o ar, por isso, todas as nossas posições de risco foram feitas em ativos de maior liquidez.

Na parte Internacional, mesmo com a curva de juros seguindo o movimento de abertura, as bolsas continuaram com o movimento forte de apreciação. Seguimos com *underweight* na posição. Na parcela de Renda Variável, mesmo com um mês forte para os ativos de risco, a nossa carteira de fundos ficou bem perto do *benchmark* pois os ativos domésticos cíclicos não repetiram o mês de maio e retornaram abaixo do índice amplo (Ibovespa).

O mês de junho foi um divisor de água para os fundos Multimercados, que no ano, a classe em sua maioria, está abaixo do CDI. Esse movimento de fechamento de curva acabou passando e ninguém pegou carona, porém a partir de dados melhores e a CMN, os fundos começaram a se posicionar. Mesmo com esse semestre mais desafiador, acreditamos na tese e não promovemos mudanças até aqui. Seguimos mais otimistas com os retornos que deveremos ver nestes próximos meses com essa importante mudança de cabeça dos gestores. Além do aumento na renda fixa ativa, mantivemos a alocação em fundos renda fixa, multimercado e o crédito *High Grade* da casa.

Em nossas carteiras CDI+, após o incremento de risco com os fundos Long Bias e um mês mais forte para a classe dos Multimercados e também para a renda fixa (principalmente a curva de juros real) as carteiras conseguiram superar o CDI no mês.

Começamos o ano com um cenário bem desafiador, mas conforme os meses estão passando, estamos com cartas mais promissoras na mesa. Seguimos atentos e após um longo inverno, estamos com posições mais táticas e de risco.



Tiago Bellodi Costa Cesar
Head Fundo de Fundos



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

The sustainable investor for a changing world

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Junho	1,07%	2,12%	1,74%	2,39%	1,05%	-5,63%	9,00%	8,87%	8,17%
2023	6,50%	9,62%	8,64%	11,37%	7,04%	-9,22%	7,61%	6,59%	13,26%
12 meses	13,60%	17,03%	14,21%	13,83%	10,42%	-7,76%	18,54%	16,25%	18,14%

DISCLAIMER

Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas “BNP Paribas” e tem fins meramente informativos, não se caracterizando como oferta ou recomendação de investimento ou desinvestimento. O BNP Paribas é uma instituição financeira regularmente constituída, com seu funcionamento devidamente autorizado pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para Administrar fundos de investimento. Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: bnpparibas-am.com/pt-br. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO, Julho/2023.



JMM 065.2023